

# Violência nos espectáculos de futebol\*

Salomé Marivoet\*\*

*Resumo:* Este estudo pretendeu conhecer a forma como se reveste o fenómeno da violência no desporto, em especial nos espectáculos de futebol, na sociedade portuguesa. Questiona-se a existência de hooliganismo, forma de violência organizada e premeditada, tal como o fenómeno se expressa nas sociedades do centro da Europa. Da análise aos incidentes, verificou-se o envolvimento de todos os intervenientes do espectáculo desportivo, embora a maioria seja protagonizada por adeptos individualizados onde os árbitros constituem os principais alvos. O estudo do movimento das claques de apoio aos clubes revelou, que dada a sua organização, hierarquia e perfil dos jovens que as compõem, nada têm a ver com as suas congéneres onde o fenómeno do hooliganismo se expressa.

## 1. Introdução

Tendo presente o actual conhecimento sociológico sobre a violência no desporto, em especial no futebol, e das variabilidades desta ao longo do tempo e das diferentes sociedades, pretendeu-se com este estudo conhecer as formas como o fenómeno se expressa na sociedade portuguesa.

Questionando-nos sobre a existência ou não de hooliganismo em Portugal, dar-se-á conta, num primeiro momento, da evolução e caracterização dos incidentes de violência registados nos espectáculos de futebol, e, num segundo, analisar-se-á o movimento das claques juvenis de apoio aos clubes em Portugal.

## 2. O fenómeno do hooliganismo no desporto nas sociedades do centro da Europa

Os estudos sociológicos sobre a violência no desporto dão-nos conta das diferentes fases do fenómeno ao longo do tempo e das sociedades. Há por parte dos autores

---

\* Este estudo inseriu-se no projecto intitulado "Investigação Multinacional Comparativa do Conselho da Europa sobre Hooliganismo no Futebol", proposto pelo Comité Permanente instituído pela "Convenção Europeia sobre a Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasão das Manifestações Desportivas e nomeadamente dos Jogos de Futebol". A investigação portuguesa foi promovida pela DGD, e desenvolvida por uma equipa interdisciplinar durante a época desportiva de 1989/1990. O artigo agora apresentado constitui uma das partes desta investigação.

\*\* Docente da Faculdade de Motricidade Humana e Investigadora no CIES.

uma preocupação em identificar as diferentes causas que contribuíram para a agudização dos conflitos.

Taylor e Clarke foram pioneiros na investigação do fenómeno da violência na sociedade inglesa a partir dos anos cinquenta. Para a explicação do fenómeno Taylor dá grande importância às transformações ocorridas nos meios institucionais do futebol, nomeadamente em "Football Mad: A Speculative Sociology of Soccer Hooliganism", onde destaca as modificações operadas na organização social do futebol profissional, em especial nas transformações dos clubes de unidades locais para unidades inseridas numa teia complexa de espectáculos profissionais à escala internacional.

Este autor considera que a violência até aos anos sessenta foi diferente da que se assistiu posteriormente, e atribuiu os novos aspectos de vandalismo aos efeitos do que denominou "cauda subcultural" dos adeptos das classes trabalhadoras, face ao "aburguesamento" e "internacionalização" do Futebol.

Aburguesamento da modalidade entendido tanto nas tentativas levadas a efeito pelas autoridades futebolísticas inglesas a partir dos anos cinquenta, para atrair a classe média e uma "mais digna classe trabalhadora", como no distanciamento dos jogadores face às classes trabalhadoras onde até então tinham sido recrutados.

Clarke acrescenta a esta conjuntura as alterações da situação social das classes trabalhadoras, nomeadamente o enfraquecimento dos laços familiares e de vizinhança. A este respeito refere que antes da 2ª Grande Guerra os jovens iam tradicionalmente acompanhados aos jogos de futebol pelos pais, tios, ou irmãos mais velhos, ou por vários grupos etários da sua vizinhança e assim o comportamento estaria sujeito a um controlo, enquanto durante a década de sessenta começaram a assistir em grupo, perdendo-se este mecanismo auto-regulador.

Assim, segundo Clarke, em "Football and Working Class Fans: Tradition and Change", os processos de "profissionalização" e "espectacularização" transformaram o jogo numa mercadoria a ser passivamente consumida, verificando-se por parte dos jovens um desajustamento quanto ao seu envolvimento no futebol face à sua cultura de classe. Neste contexto, explica o aparecimento de um novo tipo de vandalismo caracterizado por lutas entre adeptos. Contudo, no processo desencadeado para tornar o jogo seguro para a "nova e tranquila classe média", os encontrões, os empurrões, o agitar da multidão e o praguejar foram olhados como comportamentos de fanáticos, tendo o fenómeno do vandalismo sido grandemente alargado em relação ao aumento da violência que realmente ocorreu.

Nesta perspectiva, segundo Clarke, as novas formas de violência no futebol devem ser entendidas como a intervenção social simbólica dos jovens na tentativa de desenvolverem a sua identidade diferencial.

Investigações conduzidas por outros sociólogos ingleses dão grande ênfase às rivalidades específicas entre grupos de adeptos nas causas dos incidentes registados. Em "Spectator Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanation", (1986), Dunning, Murphy e Williams concluem que, apesar de o vandalismo nos jogos de futebol se encontrar profundamente enraizado no passado da Grã-Bretanha, o fenómeno do hooliganismo no futebol surge sobretudo no final

dos anos cinquenta. Na justificação encontram as mudanças estruturais das diferentes camadas das classes trabalhadoras, a expansão dos tempos livres e a crise do mercado de trabalho especificamente virado para os jovens e a vontade destes em se deslocarem regularmente aos jogos fora de casa.

Para a explicação do fenómeno do hooliganismo, indicam ainda as mudanças operadas na estrutura do futebol e o processo de controle levado a efeito pelo Governo Britânico, bem como o aparecimento da televisão e de uma imprensa sensacionalista.

Na agudização do hooliganismo na sociedade britânica, identificam as medidas de controle impostas, especialmente durante os preparativos do acolhimento do Campeonato do Mundo de Futebol, em 1966, na Inglaterra, e o estabelecimento daquilo a que designam de "pânico moral", passando as desordens futebolísticas a serem definidas como um problema social que exigia uma intervenção urgente.

Estes autores, em "All Seated Grounds and Hooliganism: The Coventry City Experience 1981-1984" (1984), referem que, pela tradição violenta em volta das bancadas no futebol, se atraiu um grupo de jovens, não tanto seduzidos pelo futebol, mas antes pelos acontecimentos que este lhes proporcionava. É neste contexto que explicam o aparecimento dos grupos de extrema direita, onde os grupos de jovens, "irrequietos", "não estruturados", "provocadores" e "com pouca ou nenhuma perspectiva social", constituíram uma fonte de recrutamento para estas organizações.

Estes autores consideram que a imprensa se apresentou como o factor principal no desenvolvimento do fenómeno; ao fomentar o pânico moral, provocou um consequente aumento das medidas de controle.

Trivizas, no seu estudo sobre estatísticas de incidentes (1984), concluiu que, no período entre 1974 e 1976, as sanções aplicadas aos delitos cometidos pelos hooligans no futebol se revelaram mais pesadas do que as aplicadas a grupos de transgressores com iguais delitos noutras circunstâncias. O autor chega a afirmar nos seus relatórios que a polícia praticava uma gestão oportunista, antecipando uma sanção mais eficiente e pesada.

Vários autores afirmam que, se por um lado, a imprensa escrita se aproveitou das estatísticas e ao sobrevalorizá-las reforçou o pânico moral, por outro, permitiu aos jovens hooligans estar "on the scene" e adquirir uma identidade, ainda que negativa, na sociedade.

Aliado à forma como a imprensa desportiva falava destes jovens, rotulando-os de "lunáticos", "animais", e pedindo soluções para os afastar do futebol, ainda que de forma drástica, esta foi ainda a responsável pela criação de uma hierarquia nacional de desordeiros futebolísticos e pela luta pelo prestígio entre as diversas claques.

As diferentes investigações realizadas são, de uma forma geral, da opinião que se verificou uma acção recíproca entre o estabelecimento do pânico moral, o reforço dos mecanismos de controle e o aumento dos incidentes de violência, impondo-se ao fenómeno uma dimensão de espiral, em que a imprensa assumiu

um papel preponderante no desencadear das diversas relações de causa e efeito entre as variáveis apresentadas.

Limbergen, Colaers e Walgrave, em "As Causas Sociais e Socio- Psicológicas do Vandalismo Futebolístico", (1989), estudaram o fenómeno do hooliganismo na sociedade belga. Segundo estes autores, 1975 coincidiu com o ponto alto da violência futebolística na Grã-Bretanha e com a sua propagação ao continente europeu.

As confrontações físicas provocadas pelos adeptos ingleses, por ocasião das competições internacionais nos países do continente europeu, sobretudo na Bélgica, Holanda e Alemanha, provocaram um sentimento de revolta e de resistência que se substanciou na formação de claques.

Para a compreensão do fenómeno do hooliganismo no futebol, estes autores consideram que os hooligans constituem quase-grupos subculturais, onde a pertença a estes é determinada pela sua vulnerabilidade social. A compensação à baixa perspectiva social com que se revestem é estabelecida através da identificação e excitação: o prestígio pode obter-se pela identificação com um clube que está numa boa posição ("we are the champions"); com um grupo de adeptos que se impõe, alcança os media e mobiliza em massa os serviços de manutenção da ordem ("we are X-side"); através de façanhas especiais e comportamentos excessivamente valentes e machistas dentro das claques.

Por fim, consideram que vários elementos catalizadores possibilitaram esta identificação através do hooliganismo no futebol, nomeadamente, a organização regular e calendarizada da competição, a tradição da rixa e a venda de álcool, a actuação desadequada da polícia, a atenção dos media, as manipulações políticas que se produzem no seio dos jovens e o clima de violência na vida política.

### **3. Incidentes de violência nos estádios portugueses e medidas legislativas tendentes ao seu controlo**

A década de oitenta foi marcada pelo aumento do número de incidentes de violência ocorridos no desporto português (ver Gráfico 1). O Futebol é a modalidade onde se concentram os actos de violência, 99,04% entre 1977-1987<sup>1</sup>.

Durante a década de setenta, a informação relativa aos incidentes de violência registados nos jogos de futebol é escassa, contudo dados de 1978/79 apresentam valores na ordem dos 13% nos jogos disputados nesta modalidade. Os incidentes sofreram, no entanto, um vertiginoso aumento até à época desportiva de 1981/82, onde atingiram 30,16% dos jogos disputados.

Com a divulgação nos órgãos de comunicação social dos incidentes registados em cada jornada dos campeonatos de futebol, o tema da violência começou a ser frequente. As notícias referem sobretudo as agressões aos árbitros.

A maioria dos incidentes ocorridos em jogos são caracterizados por comportamentos protagonizados por adeptos individualizados e cujas principais causas se encontram no desenvolvimento do jogo e na tensão criada entre o adepto, o clube/equipa e o resultado<sup>2</sup>, sendo os árbitros os grandes alvos das agressões.

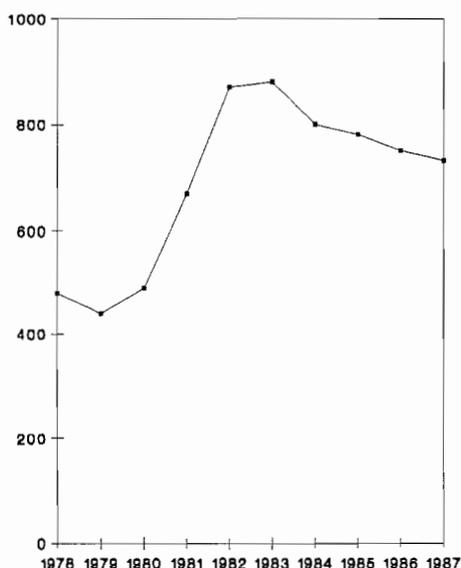


Gráfico 1

Dada a gravidade e frequência dos acontecimentos, os árbitros realizaram uma greve em 1984, no sentido de alertarem as autoridades federativas e oficiais para a situação.

A década de oitenta foi farta em legislação sobre violência, facto que revela a preocupação existente por parte das entidades oficiais em controlar a situação. A evolução do teor destes diplomas legais é marcada pelo reforço das medidas tendentes ao controlo da situação<sup>3</sup>.

O ano de 1985 constituiu um marco no reforço das medidas tendentes à punição da violência no desporto. Na causa estiveram os graves incidentes registados no estádio de Heysel Park, na Bélgica, num jogo disputado entre equipas inglesas e italianas. Nesse mesmo ano, os Ministros do Desporto dos países do Conselho da Europa aprovaram uma convenção sobre "A Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasão das Manifestações Desportivas e nomeadamente de Jogos de Futebol", que veio a ser igualmente adoptada em Portugal.

Nos anos seguintes, verificou-se por parte das entidades oficiais o estabelecimento de um corpo normativo, regulamentador dos princípios enunciados pela Convenção Europeia<sup>4</sup>.

#### 4. Caracterização dos incidentes de violência

Durante o ano de 1988, último ano com dados estatísticos disponíveis no momento da elaboração do presente estudo, registaram-se 897 jogos com incidentes, menos 2% do que no ano anterior (Quadro I). Do total dos incidentes, 87,6% e 93,8%, respectivamente nas áreas de actuação da GNR (zonas rurais) e PSP (zonas urbanas), tiveram lugar em jogos de futebol. Verificaram-se 1743 incidentes, mais 6,8% do que em 1987, elevando-se a média de incidentes por jogo de 1.78 para 1.94 (Quadro II).

**Quadro 1**

DISTRITOS	Nº de Incidentes		TOTAL	%
	PSP	GNR		
Aveiro	7	108	115	12,82
Beja	2	7	9	1,00
Braga	9	68	77	8,58
Bragança	7	9	16	1,78
Castelo Branco	-	14	14	1,56
Coimbra	10	44	54	6,02
Évora	1	9	10	1,11
Faro	4	9	13	1,45
Guarda	5	20	25	2,79
Leiria	11	29	40	4,46
Lisboa	63	54	117	13,04
Portalegre	6	1	7	0,78
Porto	36	163	199	22,19
Santarém	4	11	15	1,67
Setúbal	6	16	22	2,45
Viana do Castelo	1	26	27	3,01
Vila Real	5	38	43	4,79
Viseu	5	77	82	9,14
Ilhas	12	-	12	1,34
<b>TOTAL</b>	<b>194</b>	<b>703</b>	<b>897</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Estatística da GNR/PSP (1988)

Apenas 21,6% dos jogos com incidentes se registaram nas zonas urbanas sob actuação da PSP, enquanto nas zonas rurais se encontram os restantes 78,4%, dos quais 68,7% em competições de âmbito distrital. A falta de condições de segurança dos campos de futebol onde se desenvolve este tipo de competição<sup>5</sup>, interligada com as fortes rivalidades que se fazem sentir nos campeonatos deste âmbito, estarão na origem dos factos registados, e que constituem mais de metade das ocorrências registadas em todo o país.

Da análise da geografia dos incidentes registados, resulta que mais de metade destes se localizam na zona norte do país, sobretudo nos distritos do Porto, Aveiro, Braga e Viseu (ver Gráfico 2). Apesar de se verificarem na zona norte maior número de jogos do que na zona Sul, os dados revelam uma maior incidência proporcional na primeira, facto que não é específico à violência associada ao desporto. Estatísticas gerais sobre criminalidade colocam esta zona com índices igualmente elevados no contexto nacional<sup>6</sup>.

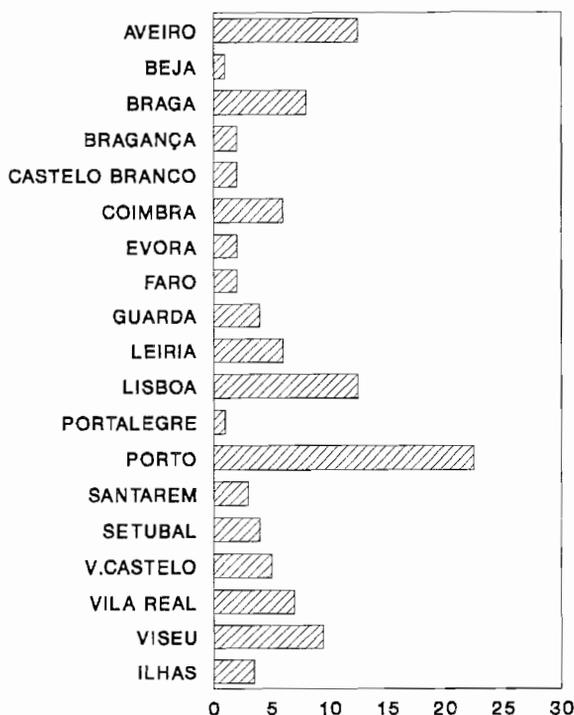
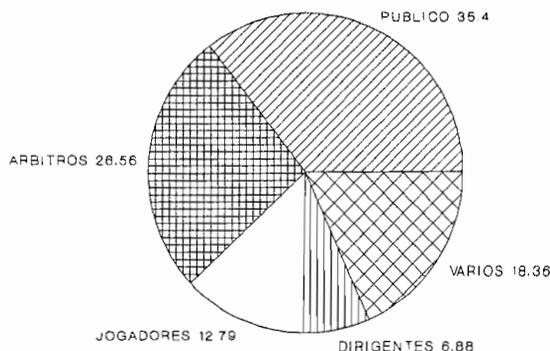


Gráfico2

Quanto ao tipo de incidentes, os provocados pelo público são maioritários (Gráfico 3). Distúrbios entre a assistência, incidentes do público com jogadores e árbitros, e invasões de campo, totalizam 35,4%.

A violência relacionada com as equipas de arbitragem encontra-se em segundo lugar, 26,6 %, dos quais as agressões aos árbitros totalizam 25,5%<sup>7</sup>. Na rubrica "vários", aparecem incidentes que no seu conjunto representam 18,4 %, onde 14,4% constituem os arremessos de objectos, na sua maioria protagonizados pelo público<sup>8</sup>.



**Gráfico 3**

Os incidentes entre jogadores e os provocados pelos dirigentes continuam a assumir valores elevados, 12,8% e 6,9% respectivamente, verificando-se um pequeno aumento relativamente ao verificado em 1987. Saliente-se que estas duas rúbricas não são relevantes nas zonas urbanas de intervenção da PSP, pois apenas se verificaram 18 incidentes entre jogadores, 5,8%, face aos 205 casos registados pela GNR, 14,3%.

Tal como nestas rúbricas, verificaram-se ainda diferenças no tipo de incidentes nas zonas urbanas e rurais (ver Quadro II). Nas zonas urbanas, as agressões aos árbitros (49,4%) e invasões de campo (19,2%) são os incidentes mais frequentes. A um nível inferior, os distúrbios na assistência (7,5%) e as agressões à guarda (6,8%). Nas zonas rurais os distúrbios na assistência (28%) e as agressões aos árbitros (20,4%) constituem os incidentes mais frequentes, seguidos dos arremessos de objectos (17,5%).

Apesar de existirem diferentes formas de actuação nas duas organizações de segurança, devido ao número de espectadores e às condições de acessibilidade dos agentes nos diferentes recintos desportivos, os dados denotam que enquanto nas zonas rurais se encontram envolvidos nos incidentes a maioria dos intervenientes do espectáculo desportivo, nas zonas urbanas os incidentes surgem sobretudo no público.

Os tipos de incidentes registados, quer nas zonas urbanas, quer nas zonas rurais, revelam que as agressões se dirigem sobretudo aos árbitros (26,6%) e ao rectângulo do jogo (arremessos 14,4%, e invasões 8,6%), encontrando-se na sua maioria interligados com o desenvolvimento do jogo e os julgamentos sobre a justiça dos procedimentos dos juizes do campo - as equipas de arbitragem.

## Quadro 2

	PSP	%	GNR	%	TOTAL	%
PÚBLICO	93	30,19	524	36,52	617	35,40
Assistência	23	7,47	403	28,08	426	24,44
Público/Árbitro	-	-	14	0,98	14	0,80
Público/Jogadores	11	3,57	17	1,18	28	1,61
Invasão do campo	59	19,16	90	6,27	149	8,55
ÁRBITROS	152	49,35	311	21,67	463	26,56
Pelos árbitros	-	-	7	0,49	7	0,40
Árbitros/Jogadores	-	-	12	0,84	12	0,69
Agressão aos árbitros	152	49,35	292	20,35	444	25,47
JOGADORES	18	5,84	205	14,29	223	12,79
Pelos jogadores	-	-	155	10,80	155	8,89
Entre jogadores	18	5,84	50	3,48	68	3,90
DIRIGENTES	-	-	120	8,36	120	6,88
Pelos dirigentes	-	-	120	8,36	120	6,88
VÁRIOS	45	14,61	275	19,16	320	18,36
Arremesso de objectos	-	-	251	17,49	251	14,40
Insultos à guarda	4	1,30	12	0,84	16	0,92
Agressões à guarda	21	6,82	12	0,84	343	1,89
Outros casos	20	6,49	-	-	20	1,15
TOTAL	308	100,00	1435	100,00	1743	100,00
Nº JOGOS C/INCIDENTES	194	1,59	703	2,04	897	1,94

Fonte: Estatística da GNR/PSP (1988)

Independentemente do destino mais frequente das agressões, interessará analisar os comportamentos nas bancadas, principalmente no seio das claques juvenis de apoio aos clubes, e darmos conta da existência ou não de violência organizada e premeditada tal como se verifica nas claques do centro da Europa

### 5. As claques juvenis de apoio aos clubes: as fases do movimento

Nos finais da década de setenta, mais concretamente a partir de 1976, alguns jovens sócios dos quatro maiores clubes portugueses, começaram a ter como hábito assistir aos espetáculos de futebol num determinado local situado na zona dos sócios.

Os jovens adeptos do Sporting Clube de Portugal foram os fundadores desta tradição. A ideia partiu de um grupo de jovens do Colégio São João de Brito, em começarem a assistir em conjunto aos espetáculos de futebol do seu clube. Segundo estes, a influência parece ter vindo de alguns estudantes do Colégio, regressados do Brasil, depois de para aí se terem deslocado as famílias após os acontecimentos sócio-políticos de 1974.

No início da década de oitenta assiste-se ao empenhamento das claques em serem reconhecidas, de forma oficial, pelas direcções dos seus respectivos clubes. Alguns dos jovens de cada uma das claques tinham ligações familiares com dirigentes dos respectivos clubes, facto que permitiu um estreitamento de relações entre ambos, bem como uma sensibilização para a sua existência.

Reconhecem-se dois períodos durante esta segunda fase do movimento das claques em Portugal. Num primeiro, as claques estruturaram a sua organização, sem que houvesse ainda a preocupação do reconhecimento oficial por parte das direcções dos clubes, bem como se continua a assistir à formação de novos grupos (Força Verde e Norte Leonino no SCP).

Num segundo período, a partir de 1982, institucionalizaram-se com reconhecimento oficial pelos respectivos clubes, a Juventude Leonina (SCP), os Diabos Vermelhos (SLB), os Dragões Azuis (FCP) e as Panteras Negras (BFC). A forte ligação que se fez sentir entre as claques e as direcções dos seus respectivos clubes, levou as primeiras a participarem activamente nas campanhas eleitorais. Este facto terá criado alguns conflitos, motivados por divergências de opiniões, verificando-se o aparecimento de várias claques num só clube.

Como resultado do empenhamento das claques nas campanhas eleitorais, assistiu-se ao estabelecimento de compromissos por parte dos respectivos candidatos nos apoios a prestar a estas, caso fossem eleitos. Promessas que nem sempre foram cumpridas, e que estiveram na origem de alguns incidentes.

O período auge das claques portuguesas deu-se nos anos de 1984/85. As claques existentes conseguiram reunir o maior número de jovens de sempre, bem como se assistiu ao surgimento de outras, e à multiplicação destas num só clube. Em 1984 forma-se a Fúria Azul (CFB), em 1985 a Torcida Verde (SCP), na época desportiva de 1985/86, os Super Dragões (FCP), a Raça Benfiquista (SLB), os Esquadrões Azuis (FCB), a Juventude Bracarense (SBF), a fusão do VIII Exército/Juventude Vitoriana (VFC), e a Juventude Bracarense (SCB).

Se o aparecimento de claques dissidentes, por um lado, constituiu algo de incompreensível para muitas das Direcções dos Clubes, por outro, obrigou-as a escolherem qual delas deveriam continuar a receber apoio. Este cenário tornou-se ainda mais complexo com o avolumar de conflitos gerados entre os jovens das claques e os sócios das bancadas circundantes, devido às diferentes posturas de ver e de estar no futebol.

As Direcções dos Clubes, confrontadas com todos estes acontecimentos e desconhecendo por vezes as razões que lhes estavam por detrás, tentaram exercer um controlo mais rigoroso sobre as suas claques. Este processo, que no nosso entender deu origem à terceira fase do movimento das claques em Portugal, não se encontrará alheio aos acontecimentos registados em 1985 no Estádio de Heysel Park na Bélgica.

A gravidade destes acontecimentos alertou a comunidade internacional em geral, e a europeia em particular, para o perigo da violência organizada no seio das claques juvenis nos espectáculos de futebol, assim como a necessidade de se adoptarem medidas urgentes com vista à sua prevenção.

É neste contexto que se poderá compreender a actuação das Direcções dos Clubes face às suas claques. Algumas conseguiram estabelecer um controlo apertado nas suas claques, substituindo as antigas direcções de jovens, ou enfraquecendo a sua autonomia. Noutros casos as claques não aceitaram o controlo e chegou-se a situações de ruptura que levaram à perda do apoio e reconhecimento oficial, processo que provocou vários conflitos. Poucos foram os clubes que continuaram a dar apoio às suas claques organizadas de forma autónoma.

## 6. A organização das claques

A organização interna das claques apresenta semelhanças com os esquemas organizativos dos clubes. Assim, têm à frente uma direcção onde se podem encontrar 5 a 12 elementos, consoante as claques existentes.

De uma forma geral, os elementos das direcções das claques têm entre 20 e 25 anos, encontrando-se cada um responsabilizado por um departamento específico (p.e. relações públicas, organização, fundos, etc...). Nas claques com controlo dos clubes, as idades dos membros das direcções são elevadas (30 a 45 anos), verificando-se a presença de alguns jovens escolhidos por estas. Na organização destas direcções não se encontram divisões de responsabilidades por sectores.

A maioria das claques tem um presidente ou um líder, que adquire esse estatuto pela antiguidade e empenhamento, não se verificando por conseguinte eleições, embora várias tenham estatutos.

As bases das claques organizam-se por núcleos, que podem ser por proximidade do local de residência ou escola. À frente de cada núcleo está um responsável que faz a ligação com a direcção. Os responsáveis dos núcleos também não são eleitos, normalmente propõem-se com o grupo à direcção da claque. Às direcções cabe apreciar e aprovar a formação dos núcleos e dos responsáveis.

As claques com controlo por parte dos clubes são de dimensão reduzida (até cem jovens, entre os 15 e 28 anos, variando caso a caso) e não se encontram organizadas por núcleos. Nas restantes claques, as dimensões são bastante maiores, compreendendo jovens a partir dos 12 anos, com especial incidência entre os 15 e 25 anos.

No seu conjunto, as onze claques analisadas<sup>9</sup>, envolvem cerca de 5000 associados, dos quais cerca de 85% são estudantes e 15% trabalhadores, embora nalgumas claques se verifique um peso mais equitativo. A maioria dos jovens são do sexo masculino, cerca de 90%.

Os sócios das claques têm na sua maioria cartões de identificação (alguns com fotografia), e pagam uma quota anual que varia entre cem a mil e quinhentos escudos. Esta é a segunda quota que pagam, pois para serem sócios das claques estudadas têm de ser sócios dos respectivos clubes.

Algumas das claques têm patrocínios que contribuem financeiramente para a aquisição do material e deslocações e em contrapartida, fazem a publicidade das marcas nas camisolas.

Os apoios dados pelos clubes traduzem-se em entradas gratuitas, (a Liga de Futebol recomendou a adopção da troca de bilhetes entre clubes com claques oficiais) ou reduções nos preços dos bilhetes nos seus estádios. Nas deslocações para assistir aos jogos fora, os clubes que reconhecem oficialmente as suas claques colocam-lhes camionetas à disposição. Alguns clubes cedem ainda espaços para as claques se reunirem e guardarem o seu material.

Para fazerem face às despesas com a compra dos materiais que utilizam nos espectáculos, as claques contam com os fundos provenientes de autocolantes, rifas, quotas e só pontualmente com subsídios dos clubes.

### **7. A estrutura dirigente das claques**

As claques que detêm uma organização autónoma dos clubes têm nas suas direcções jovens, na sua maioria estudantes, alguns universitários, e numa proporção mais reduzida, jovens que já iniciaram uma actividade profissional.

Encontra-se uma grande ligação entre estes elementos e a actividade desportiva, quer actual, quer passada, como atletas federados. Vários foram os que revelaram o sonho de serem profissionais de futebol. Algumas claques organizam torneios de futebol entre os seus núcleos e durante os últimos anos têm-se realizado torneios pontuais entre claques.

A actividade política em organizações partidárias de juventude e a participação associativa nas escolas não se encontra ausente. Alguns abandonaram a primeira, mostrando alguma desilusão na experiência, outros continuam ligados às organizações partidárias, encontrando-se diferentes convicções políticas.

A vida associativa do clube constitui um outro espaço de acção para a maioria dos elementos. Interessam-se e participam regularmente nas Assembleias Gerais e actos eleitorais, ainda que actualmente de forma individual. O sonho de virem a ser dirigentes dos seus respectivos clubes é partilhado por um número significativo de dirigentes das claques.

O modelo de organização dos clubes, igualmente adoptado pelas claques, denota o envolvimento dos seus dirigentes com a vida associativa. A criação de uma Federação Nacional de Claques, eleita em Assembleia Geral marcada para o efeito em 1989 na cidade de Coimbra, denota igualmente a forte ligação com os modelos institucionais do sistema desportivo.

Esta Federação, cujos objectivos são a dignificação das claques e a promoção da componente desportiva e recreativa no seu seio, não se encontra legalizada, por motivos administrativos (as claques não são juridicamente entidades colectivas), embora tenha um Presidente (assistente no ensino superior) e um Vice-Presidente (estudante universitário), ambos com tradições na fundação do movimento das claques em Portugal.

## 8. O envolvimento de grupos provocatórios no seio das claques

Em três das onze claques estudadas<sup>10</sup>, encontraram-se pequenos grupos cujos comportamentos se diferenciavam dos restantes elementos, pela persistência de actos provocatórios e agressivos, bem como na liderança nos incidentes ocorridos com maior ou menor gravidade<sup>11</sup>.

Cada grupo não excede uma dezena de elementos com idades inferiores aos 25 anos, sendo a sua identificação facilitada não só pela imagem que cultivam - camisolas com temas mórbidos, blusões e calças com inscrições, cabelos demasiado compridos ou rapados e abuso de bandeiras inglesas - cuja identidade se encontra nas subculturas jovens denominadas de "Metálicos" e "Skin Heads", como pelo exibicionismo nas atitudes provocatórias e/ou de vandalismo.

Embora não façam parte da estrutura orgânica das claques, encontram-se juntos a estas num ambiente de aceitação. A presença destes elementos nas bancadas onde normalmente se instalam as claques pressupõe que estes sejam sócios dos clubes, pois trata-se das zonas de acesso reservado.

Nas observações realizadas no período durante o jogo os arremessos de objectos para o rectângulo constituem os recursos provocatórios mais utilizados, seguidos dos símbolos gestuais, da agressividade verbal, no recurso sistemático a slogans obscenos e, numa frequência inferior, as tentativas de invasão de campo (ver Gráfico 4-Grupo 2). As agressões físicas entre si ou com os elementos das claques durante os jogos revestem-se de um carácter ritual e surgem em momentos

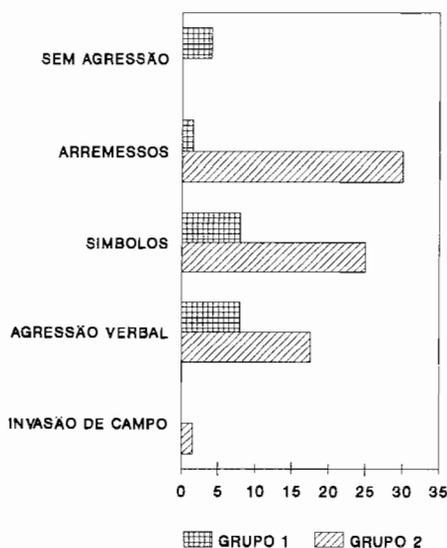


Gráfico 4

específicos do desenvolvimento do jogo. Normalmente seguem as iniciativas da claque e o desenvolvimento do jogo.

São sobretudo os elementos mais jovens das claques que se encontram na sua proximidade que tendem a seguir as iniciativas destes grupos. Nos jogos observados entre os maiores clubes, verificou-se que os elementos destes grupos duros, rodeados pelos jovens das claques que os circundam, ficam nas bancadas após o jogo criando alguns distúrbios (fogueiras, arremessos de objectos dirigidos aos agentes da polícia e danificação das vedações), assim como continuam a gerar conflitos de maior gravidade em redor dos estádios (danificação de viaturas, roubos e agressões físicas aos adeptos visitantes), verificando-se nestas situações o afastamento dos dirigentes das claques.

Apesar destes comportamentos e da demarcação dos dirigentes das claques, encontramos uma grande aceitação entre todos. Se, por um lado, os dirigentes das claques nos transmitiram a sua incapacidade em os afastar das bancadas onde se encontram, por outro, denotamos que, apreciam o contributo que eles dão ao espectáculo, através da sua exuberância e o choque que provocam naqueles que reprovam a sua forma de estar nos espectáculos desportivos.

Contudo, as épocas desportivas vão-se sucedendo, e dada a simultaneidade dos jogos entre as equipas em cada um dos estádios dos respectivos clubes, tem-se vindo a verificar a agudização de conflitos, visto que, se uma claque é mal recebida aquando da visita a um clube adversário, quando este se desloca ao seu estádio normalmente tende a alimentar o sentimento de vingança.

Até à época em que se realizou este estudo não se verificaram confrontações entre claques. As agressões físicas deram-se entre adeptos dum clube e a claque de outro. Neste contexto, compreende-se a postura dos responsáveis das claques face a estes grupos, pois eles fornecem-lhes uma imagem de certa forma endurecida, capaz de vingar a claque ou inibir comportamentos agressivos para com esta em estádios adversários, dada a imagem perigosa que sustentam.

No entanto, dentro dos estádios, sempre que conflitos ou atitudes mais provocatórias ou agressivas eram despoletadas por estes grupos, verificou-se a intervenção dos dirigentes das claques, através do desencorajamento destes comportamentos, sendo os seus apelos bem aceites.

## 9. Conclusão

Da análise aos incidentes de violência registados nos estádios de futebol portugueses, bem como dos comportamentos e conflitos gerados pelas claques juvenis de apoio aos clubes, constatamos que o fenómeno do hooliganismo no futebol, tal como se reveste nas sociedades do centro da Europa, não se verifica entre nós.

Contrariamente ao que se passou, sobretudo na Bélgica, Holanda e Alemanha, o surgimento das claques portuguesas nada teve a ver com processos de resistência e vingança. O movimento das claques em Portugal encontra-se marcado pela presença da componente espectáculo e ambiente festivo no apoio aos espectáculos de futebol.

Começando por pequenos agrupamentos de jovens sócios de clubes desportivos, sem a preocupação de se organizarem enquanto grupos formais, passaram por um processo de oficialização e reconhecimento por parte das direcções dos seus clubes. Na maior parte dos casos, com grande empenhamento por parte de alguns directores dos Clubes, devido ao seu relacionamento familiar com jovens pertencentes às claques.

O elevado sentimento clubista por parte dos jovens fundadores das claques, cuja tradição familiar parece inegável, mantém-se actualmente, participando na vida associativa dos seus respectivos clubes. Muitos dos jovens que participam actualmente nas claques tornaram-se sócios dos clubes por imposição destas.

O apoio às equipas é dado no contexto do espectáculo, numa relação de espectadores-actores. Os equipamentos (panos, bandeiras), os fumos, as iniciativas programadas, os reportórios (canções e slogans) e instrumentos musicais, as camisolas e caras pintadas constituem os instrumentos utilizados no espectáculo capazes de sinalizar a claque e os seus elementos no estádio. A sua utilização decorre durante o jogo, sempre com o objectivo de puxar pela equipa.

Os jovens das claques pretendem assumir uma participação activa no espectáculo desportivo, e assim, aumentam o seu grau de divertimento vendo futebol num ambiente de festa e paródia criado por eles próprios. Esta nova cultura de estar no futebol provocou uma ruptura com as formas tradicionais de ver e estar no futebol. Esta ruptura não foi pacífica e comportou eixos de conflitualidade entre as claques e os restantes adeptos, aos quais as direcções dos clubes não estiveram alheias.

Os elementos das claques têm consciência deste eixo de conflitualidade e têm vindo a solicitar um espaço próprio nas bancadas. Para os jovens das claques, os adeptos devem aplaudir, fazer barulho, ou seja, puxar pela equipa, e não concordam com a forma dos espectadores tradicionais estarem no futebol.

A reacção à não aceitação dá-se por duas vias, uma que designamos de institucional e outra que comporta conflitos de maior ou menor gravidade. O peso da primeira é maioritário, facto que denota a inserção destes jovens na sociedade.

Contudo, algumas claques portuguesas nem sempre conseguem fugir à má imagem que lhes foi imprimida; é sobretudo nestas que se regista um endurecimento dos actos e comportamentos, cada vez mais apostados em chocar aqueles que os desaprovam.

Tanto os dirigentes como os jovens que constituem as claques portuguesas apresentam um elevado grau de inserção e de participação na vida associativa a diferentes níveis da sociedade. Esta realidade distancia-se do perfil dos jovens das claques onde se regista o fenómeno do hooliganismo.

Mas também se encontraram pequenos grupos provocatórios junto de algumas das claques estudadas, e apesar de se verificar a aceitação por parte destes da ordem estabelecida pelos dirigentes e a não predisposição para a confrontação física com as claques adversárias, será prudente equacionar a possibilidade de um endurecimento, face a eventuais medidas de controlo policial ou institucional que possam vir a ser tomadas com desconhecimento da nossa realidade.

## Notas

- 1 Marivoet, Salomé, *Evolução da Violência Associada ao Desporto (1978-1987)*, Lisboa, ME/DGD, 1989.
- 2 O incidente com maior gravidade ocorreu em 1981 no estádio da Luz, onde cerca de cem espectadores ficaram feridos pela actuação da polícia de intervenção numa invasão de campo. Os dirigentes do clube negaram qualquer responsabilidade na "brutalidade exercida pela P.I." (*Diário de Lisboa* de 29/5/81).
- 3 Em 1979 (Dec-Lei nº 94 de 20/4), retirou-se a obrigatoriedade da presença das forças de segurança nos espectáculos desportivos, a não ser naqueles que comportassem determinadas lotações ou se fosse considerado necessário pelas entidades federativas. Ainda no mesmo ano estabeleceram-se as contra-ordenações (Dec-Lei nº 232 de 24/7), que só viriam a ser regulamentadas em 1982 (dec-Lei nº 433 de 27/19). O seu cumprimento permitiu aos agentes de segurança dispôr de meios legais capazes de punir os incidentes registados. Em 1980 estabeleceu-se a interdição preventiva dos estádios onde ocorressem incidentes de violência graves e impôs-se um prazo até um ano para a realização de obras de segurança, em especial vedações e túneis de acesso aos balneários (Dec-Lei nº 339 de 30/8). Em 1981, por decisão da A.R. retirou-se a interdição e alargou-se o prazo para as obras até cinco anos (Lei nº 16 de 30/8), embora em 1985 entre novamente em vigor a interdição por período a definir pelos órgãos federativos e se diminua o prazo das obras para três anos (Dec-Lei nº 61 de 11/3).
- 4 Portugal assinou esta Convenção em 4 de Setembro de 1985, tendo a sua ratificação sido publicada em 10 de Março de 1987 (Resolução da A.R. nº 11/87, DAR I Série, nº 57) e entrado em vigor em 1 de Agosto do mesmo ano. Durante os anos de 1986/87, verificou-se por parte das entidades oficiais uma preocupação no reforço policial nos recintos desportivos (Despacho conjunto 136/MEC/86, DR II Série nº 161 de 16/7 e Portaria 855/87, DR I Série nº 225 de 5/11). Em 1989 foi publicada regulamentação na sequência da aprovação da Convenção Europeia sobre a Violência Associada ao Desporto (Dec-Lei nº 270/89 de 18/8).
- 5 Arquitecto Pedro de Almeida, *Caracterização das Infra-Estruturas do Futebol*, estudo integrado no âmbito da elaboração da presente investigação. Dos 2204 campos de futebol existentes em 1986, apenas 26% tinham vedação, encontrando-se estes localizados sobretudo nas zonas urbanas.
- 6 Cruz, M. Braga e Reis Maria Luisa, "Criminalidade e Delinquência Juvenil em Portugal" *Estudos e Documentos*, nº 8, 1983. Fatela, João, *O Sangue e a Rua - Elementos para uma Antropologia da Violência em Portugal (1926-1946)*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1989.
- 7 A tipologia é estabelecida nos Relatórios das Forças de Segurança e apesar de não estar explícito a identificação dos autores, supõe-se que estes sejam sobretudo espectadores.
- 8 Note-se que esta rubrica não é assinalada nas áreas de actuação da PSP, facto que não terá a ver com a inexistência deste tipo de incidentes mas por existir uma tipologia diferente na classificação dos mesmos.
- 9 Foram seleccionados sete clubes no campeonato de futebol da 1ª divisão, abrangendo estes onze claques: Boavista Futebol Clube - Panteras Negras; Clube de Futebol Os Belenenses - Fúria Azul; Futebol Clube do Porto - Dragões Azuis e Super Dragões; Sport Lisboa e Benfica - Diabos Vermelhos e Força Benfiquista; Sporting Clube de Braga - Juventude Bracarense; Sporting Clube de Portugal - Juventude Leonina, Torcida Verde e Onda Verde (Consórcio de claques formado em 1989 pela Força Verde, Onda Verde e Império Verde); Vitória Futebol Clube - VIII Exército/Juventude Vitoriana.
- 10 Dos três maiores clubes.
- 11 Para o estudo das claques recorreu-se ao método da observação. Esta foi registada em "protocolos de observação" subdivididos em três períodos: antes, durante e depois do jogo. Na concepção do protocolo considerou-se a observação da claque e dos "grupos duros". Foram também realizadas entrevistas aos dirigentes das claques, directores dos clubes e forças de segurança. A análise da Actuação das Forças de Segurança foi um dos estudos incluídos no âmbito desta investigação, realizado por Ana Paula Fonseca Gomes (Socióloga). A análise dos rituais do espectáculo e comportamentos das claques, intitulada *Espectadores de Futebol e as Metamorfoses da Violência*, foi realizada pelo Antropólogo Pedro Cardoso. A análise à comunicação social, com o título *O Papel dos Media*, coube ao Psicólogo Sidónio Serpa.

**Bibliografia**

- AHLBERG, Jan, "Quem é Responsável pela Violência dos Espectadores?", *Desporto e Sociedade*, nº108, 1988, pp. 16.
- BECKER, Howard, *Uma Teoria da Acção Colectiva*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1977.
- BENOIT, E., "O Papel do Comentador nas reportagens desportivas da Televisão", *Desporto e Sociedade*, nº61, 1987, pp11.
- BERNARD, M., *L'Expressivité du Corps*, Paris, Ed. Universitaires, 1986.
- BOUET, M., *Signification du Sport*, Paris, Ed. Universitaires, 1968.
- CARVALHO, A., *Violência no Desporto*, Lisboa, Liv. Horizonte, 1985.
- CLAEYS, Urbain, "Juventude e 'Fair Play'", *Desporto e Sociedade*, nº 76, 1987.
- CRUZ, Manuel B., SERUYA José, SCHMIDT Luísa, "A Condição Social da Juventude Portuguesa", *Análise Social*, vol XX (81-83), 1984, pp. 285-308.
- CRUZ, Manuel B., e REIS M. Luísa, "Criminalidade e Delinquência Juvenil em Portugal", *Estudos e Documentos*, nº8, 1983.
- DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick e WILLIAMS, John, *The Roots of Football Hooliganism - An Historical and Sociological Study*, London, Routledge, 1989.
- DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick, WILLIAMS, John e MAGUIRE, Joseph, "O Vandalismo Futebolístico na Grã-Bretanha, antes da 1ª Grande Guerra", *Desporto e Sociedade*, nº 65, 1987, pp. 40.
- ELIAS, N., "Sport et Violence", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 6, 1976, pp. 2-21.
- FATELA, João, *O Sangue e a Rua - Elementos para uma Antropologia da Violência em Portugal (1924-1946)*, Lisboa, E. D. Quixote, 1989.
- FERRANDO, Manuel, "Interpretações Sociológicas da Violência no Desporto", *Desporto e Sociedade*, nº 41, 1987, pp. 20.
- FERRANDO, Manuel, e BASSOLS Martin, "Para uma Sociologia do Conflito no Desporto", *Desporto e Sociedade*, nº 125, 1989, pp. 19.
- FIGUEIREDO, Eurico, "Conflitos de Gerações - Conflito de Valores", *Os Próximos 20 Anos*, II vol, 1988, pp 121.
- FOUCAULT, M., *Surveiller et Punir*, Paris, Gallimard, 1975.
- GOFFMAN, Erving, *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1988.
- INGHAM, R., e O., *Football Hooliganism - The Wider Context*, London, Interaction, 1978.
- LIMBERGEN, Kris, COLAERS, Carine e WALGRAVE, Lode, "As Causas Sociais e Sócio-Psicológicas do Vandalismo Futebolístico", *Desporto e Sociedade*, nº 123, 1989.
- LIMBERGEN, Kris, "Hooliganisme: Releve Indicatif des Recherches et de la Gestion en Europe", texto dactilografado (por gentileza cedência do autor).
- MARIVOET, Salomé, *Evolução da Violência Associada ao Desporto (1978-1987)*, Lisboa, ME/DGD, 1989.
- MORRIS, D., *A Tribo do Futebol*, Lisboa, Pub. Europa-América, 1981.
- MURPHY, Patrick, WILLIAMS, John e DUNNING, Eric, *Football on Trial-Spectator Violence and Development in the Football World*, London, Routledge, 1990.
- TRIVIZAS, E., "Disturbances Associated with Football Matches. Types of Incidents and Selection of Charges", *British Journal of Criminology*, 1984, pp.361-383.
- WILLIAMS, John, DUNNING, Eric e MURPHY, Patrick, *Hooligans Abroad - The Behaviour and Control of English Fans in Continental Europe*, London, Routledge, 1984 (3ª ed, 1990).
- WILLIAMS, John, e GOLDBERG, Adrian, *Comportement des Spectateurs, Couverture de Presse et Contrôle des Foules au Championnat d'Europe de Football de 1988*, Strasbourg, Conseil de L'Europe, 1990.